

Leitura e escrita de manuscritos: pena e suporte digitais na prática paleográfica

Reading and writing manuscripts: digital quill and support in paleographical practice

Antonio Ackel*

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Marcelo Módolo**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

Resumo: A partir de uma perspectiva baseada na paleografia tradicional em diálogo com a paleografia digital, este artigo apresenta a aplicação de novos recursos de leitura e escrita de manuscritos. Para tanto, procede-se com métodos paleográficos por meio de uma ferramenta digital no processo de cópia. Utilizou-se a mesa digitalizadora modelo CTL 4100, da marca Wacom, e, como modelo de manuscrito, o fólio 94r, do *Livro de horas*, datado entre os séculos XIV e XV. O fragmento selecionado foi uma oração de São Lucas, em que pudemos extrair exemplos de características das escritas góticas e mostrar que, com ferramentas próprias, a paleografia digital permite e facilita o exercício da leitura paleográfica e da prática de cópia, levando o pesquisador a uma maior compreensão do processo de escrita do autor material. Pretende-se também, a partir das observações expostas, discutir o uso de meios tecnológicos como alternativa facilitadora na aplicação de práticas didáticas filológicas, direcionadas à leitura paleográfica de documentos e execução de escrita.

Palavras-chave: Paleografia. Paleografia Digital. Pena e Suportes Digitais.

Abstract: From a perspective based on traditional paleography in dialogue with digital paleography, this article presents the application of new resources for reading and writing manuscripts. To do so, we proceed with paleographic methods using a digitizing tablet model CTL 4100 (Wacom) brand, and, as a manuscript model, the folio 94r from the Book of Hours, dated between the 14th and 15th centuries. The selected fragment was a prayer from Saint Luke, in which we were able to extract examples of characteristics from the Gothic writings and show that, with its own tools, digital paleography allows and facilitates the exercise of paleographic reading and the practice of copying, leading the researcher to a greater understanding of the writing process of the material author. We also intend, based on the exposed observations, to discuss the use of technological means as a facilitating alternative in the application of philological didactic practices, directed to the paleographic reading of documents and writing execution.

* Mestre e doutorando em Filologia e Língua Portuguesa pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil; antonio.ackel@usp.br

** Professor Doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq – nível 2 (processo número 308793/2019-6); modolo@usp.br

Keywords: Palaeography. Digital Palaeography. Digital Quill and Support.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar novas possibilidades de técnica de leitura e escrita de manuscritos, a partir de uma perspectiva da paleografia digital, com o intuito de facilitar o reconhecimento de características formais de escritas do passado. Entende-se por paleografia digital a convergência entre os campos da paleografia e das humanidades digitais proposta, entre outros, por Buzzetti (2002) e Ciula (2017). Inicialmente, nossa abordagem busca compreender como a paleografia fundamenta teoricamente práticas de cópia à mão, quando são utilizados como instrumentos pena e suporte digitais.

Pertencente ao campo da cultura manuscrita e das humanidades digitais, a prática aqui discutida consubstancia-se em exercícios de cópias manuais para que se obtenham resultados gráficos digitais semelhantes, na medida do possível, a características formais dos testemunhos utilizados como modelo¹. Sob essa perspectiva, quer-se apresentar novas possibilidades de se adentrar na materialidade constitutiva da letra, ou seja, entender seus processos de composição gráfica, retraçando suas hastes, caudas e outros elementos característicos, produzidos por um determinado punho em sua época. Ao fazer uso de instrumentos digitais, pretende-se ainda considerar a presença de recursos didáticos e práticas educacionais inseridos em ambientes de novas tecnologias de informação e comunicação².

Para ilustrar nossos posicionamentos, serão utilizados fragmentos do manuscrito do *Livro de horas*, datado entre os séculos XIV e XV, pertencente a Leonor de la Vega. Utilizou-se aqui o fôlio 94r, do *Livro de horas* indicado. Trata-se do manuscrito VITR/24/2, guardado na Biblioteca Nacional da Espanha. Esse documento pode ser identificado como um manuscrito executado com letra gótica bibliotecária³. Sem data de elaboração, mas pelos elementos ornamentais e pelo próprio uso do documento, pode-se afirmar que seja do final do século XIV ou início do XV. Sabe-se, no entanto, que o códice foi enviado de Bruxelas por Don Diego Ramírez de Villaescusa, embaixador de Flandres em torno de 1498, ao pai do poeta Garcilaso de la Vega, embaixador em Roma. Sua última proprietária foi Leonor de la Vega, irmã de Garcilaso. Atualmente está guardado na Biblioteca Nacional da Espanha, sob o código VITR/24/2 e pode ser acessado em <www.bne.es>.

O livro religioso, escrito na Idade Média, em latim, foi produzido em pergaminho. Os livros de horas continham textos litúrgicos para cada hora do dia. Eram exemplos de oração piedosa, confeccionados para práticas pessoais de leitura no interior doméstico. Esses livros incluem orações à Virgem Maria, salmos penitenciais,

¹ O termo 'modelo' é aplicado para referir-se a todo tipo de documentação – original ou cópia – utilizado para estudos de leitura ou cópia.

² Embora seja possível pensar em uma teoria geral para a criação de práticas de cópias manuais de documentos, a partir da relação entre modelo e cópia, este artigo não pretende conjecturar associações de autores ou de épocas em que documentos foram produzidos.

³ A questão da classificação e nomenclatura, advinda de diferentes olhares críticos sobre periodização, propõe válidas discussões acadêmicas nos estudos filológicos. Os tipos de escrita aqui referenciados podem ser consultados nos três volumes de Millares Carlo (1983).

ladainha dos santos. Por sua beleza e detalhes, os livros de horas foram concebidos como códices de luxo, acessíveis apenas a uma elite da sociedade capaz de pagar altos preços por seus exemplares. O fragmento selecionado foi uma oração de São Lucas, em que pudemos extrair exemplos de características das escritas góticas e mostrar que, com ferramentas próprias, a paleografia digital permite e facilita o exercício da leitura paleográfica e da prática de cópia, levando o pesquisador a uma maior compreensão do processo de escrita do autor material⁴.

2 LEITURA E CÓPIA DE MANUSCRITOS: A ATIVIDADE PALEOGRÁFICA

Nossa abordagem convida a um novo passo de conciliação entre humanidades e tecnologias digitais, de modo que interesses em comum possam se coadunar no propósito acadêmico de disseminar conhecimento. Longe de ser uma proposta que vise a estudar somente tipos de escrita do passado, quer-se promover o uso de ferramentas digitais do presente, para que se possa aprofundar conhecimentos sobre fatos da história dos modos de escrever e suas características formais.

De modo geral, a escrita⁵ pode ser entendida como um sistema de comunicação de base gráfica. Para tanto, utilizam-se símbolos interpretativos figurativos, como os ideogramas, ou convencionais, como os alfabéticos. Ainda, a escrita representa um modo de preservação e transmissão de mensagens (Petrucci, 1992).

Nos estudos de interpretação de símbolos gráficos elaborados pelo homem, a paleografia destaca-se por ser a disciplina que estuda a leitura e a escrita em seus diferentes momentos na história. Ocupa-se com descrições e análises de técnicas utilizadas para decifração de leitura, procedimentos de escrita de épocas distintas, com o processo de composições gráficas e também com os produtos desse processo, relativos à aparência de diversas tipologias escriturais e documentais.

O período de séculos durante o qual a escrita latina tem sido usada oferece grande número de documentos diferentes: públicos, privados, literários⁶. Diante de tamanha variedade, a primeira atividade que se pode empreender nos estudos de paleografia é o da leitura do texto escolhido. Essa leitura, que deve ser crítica, interpretativa, a fim de alcançar alto nível de compreensão, pressupõe conhecimento sobre técnicas de escrita, por exemplo, desde as que buscam entender características antigas como sistemas abreviativos medievais, usos de chancelaria, formas notariais, até as características de escrita encontradas em documentos mais recentes como outras

⁴ Hipóteses sobre autoria material (aquele que escreveu o texto com o próprio punho) e autoria intelectual (aquele que concebeu intelectualmente o texto, mas não necessariamente o escreveu) são tratadas com detalhes em grupos de estudos mais amplos que temos desenvolvido acerca da produção, transmissão e circulação de testemunhos.

⁵ Nesta fase inicial de trabalhos de paleografia digital, o termo 'escrita' será restrito à escrita alfabética baseada no alfabeto latino, independentemente da língua utilizada para expressão gráfica. Vislumbra-se, portanto, a possibilidade de se trabalhar também com textos no vernáculo português, espanhol, alemão antigo, anglo-saxão etc., desde que escritos no alfabeto latino.

⁶ Naturalmente que existem outros tipos de escrita com outras datações e com outras características. Neste trabalho o recorte privilegia apenas a escrita latina.

formas de abreviatura, recursos literários, neologismos, pontuação e outros elementos gráficos de um autor cuja obra se deseja estudar.

Em qualquer caso, deve-se proceder, pelo menos como um ideal a ser alcançado, com uma leitura exata, atenta, que aponte características gráficas daquela escrita. Ao serem identificados tais elementos, quando necessário, o paleógrafo deve também relacionar datações cronológica e tópica (às vezes, aproximadas) daquela escrita (Cardona, 1981). No entanto, se a Paleografia estivesse limitada a isso, seria apenas uma disciplina auxiliar da Filologia ou da História, quando na realidade, dentro de seu domínio de saber, constitui-se de maneira autônoma.

Cada tipo de escrita representa uma maneira de registrar a linguagem, os pensamentos e uma maneira de transmitir uma mensagem que, para além do texto, também constitui um sistema de sinais gráficos que demanda uma determinada técnica de execução, instrumentos e suportes apropriados. Por exemplo, Juarez e Navarro (2017) analisaram os tipos de escrita em três privilégios rodados, de fins do século XIII, expedidos pela chancelaria de Alfonso X. Essa tipologia documental tem caráter mais solene, está associada a concessão de direitos, usufrutos e assuntos econômicos outorgados pelo rei. Seus estudos apontaram uma equivalência clara do ponto de vista da hierarquia gráfica, entre esses documentos, os tipos de letras e a solenidade dos negócios jurídicos. Os processos de elaboração gráfica e documental que analisaram evidenciam fases de desenvolvimento social sob perspectiva da história do direito.

O estudo da técnica de execução dos vários tipos de escrita, que visa a analisar de que forma o documento foi elaborado, pode levar o paleógrafo a grandes resultados de interpretação, ou mesmo a destacar influências recíprocas entre diferentes tipos de escrita, na detecção da disseminação do uso social da escrita, de hábitos gráficos específicos. Contudo, a prática da leitura pode não ser suficiente para dar a conhecer os processos de constituição de um determinado tipo de escrita. Além de uma leitura que observa as etapas do desenvolvimento na composição do signo gráfico como modos de ligaduras, inícios e finalizações de traços e outras características, a prática da cópia tem se mostrado eficaz na decifração de tipos caligráficos de diferentes épocas.

A obra fundamental de Jean Mallon, *Paléographie romaine*, de 1952, continua sendo um clássico, com seus estudos acerca das causas de algumas mudanças decisivas ocorridas durante a história da escrita latina. A exemplo da metodologia proposta por Mallon (1952), destacam-se os estudos de Bischoff (1979); Nuñez Contreras (1994) e Román Blanco (1987).

Em alguns casos, o exercício da cópia, por meio da prática caligráfica, torna-se atividade indispensável ao unir os elementos primários da paleografia: a leitura e a escrita. Para que se entenda como se criou a inclinação, o peso, o módulo e outras características de uma determinada escrita, é necessário transpor os elementos físicos de um documento e transferi-los para o meio de escrita, no caso desta proposta, o da cópia digital. Nesse sentido, deve-se compreender a transposição de materialidades, quer do instrumento, quer do suporte⁷.

⁷ Neste artigo, a dimensão caligráfica criativa é compartilhada pelo conhecimento histórico, ou seja, assenhoreamo-nos de habilidades de leitura de manuscritos antigos, por meio da observação e prática copista, com intenção de desvendar a sucessão dos traços de determinada escrita (Mediavilla, 2005).

Entende-se que a escrita seja resultado de movimentos. Letras, palavras e os tantos sinais grafados em um suporte, por meio de seus instrumentos, resultam em um gesto criativo, elaborado por uma sucessão de atos que vão além do conteúdo expresso no texto. Pode se dizer, mais genericamente, que se trata de uma *ars mechanica*, no sentido clássico: uma “arte que é feita do espírito e da mão” (Nicot, 1606, p. 112). Escrever, mais do que outras artes, vem da necessidade do entendimento: de um lado, a mente daquele que escreve, e, de outro, a norma social que permite que a escrita seja aplicada à mente daquele que lê.

Aqui, resgatamos a rica herança paleográfica e combinamos com as facilidades que oferecem hoje as humanidades digitais. Herdamos-la dos primeiros estudiosos dessa disciplina dos quais há notícia, Mabillon e padre Terreros, que iniciaram suas pesquisas desenvolvendo um método científico com base na identificação, descrição e repetição. Já no fim do século XVII, a obra do monge beneditino Jean Mabillon (morto em 1707) é um marco para toda a comunidade acadêmica que se debruça sobre documentos antigos. Seu propósito era fornecer um método claro e inquestionável para reconhecer a tradição documental (de originais e cópias), bem como a autenticidade e confiabilidade dos diplomas gerados desde o início da Idade Média. O método inicial proposto referia-se ao reconhecimento das formas de escrita e baseava-se na repetição manual de copiar letras, ligaduras, abreviaturas, sinais especiais (Burrows, 1989).

Uma das principais motivações para se propor aproximação entre técnicas digitais e convencionais paleográficas tem sido a percepção de que o material impresso utilizado com a finalidade de leitura, cópia e transcrição, muitas das vezes não representa com precisão as características de manuscritos antigos e, de fato, fotocópias impressas podem, a depender da tinta e do papel, esconder, obscurecer, apagar características essenciais que permitem conjecturas sobre fragmentos que não podem ser lidos. Embora os objetivos principais das atividades paleográficas que vêm sendo desenvolvidas nas universidades brasileiras não sejam, com frequência, executar na prática o ato da cópia, mas o rigor da leitura acompanhada de sua transcrição, a paleografia digital é, de fato, diferente da paleografia convencional e pode oferecer variedade de meios para se realizarem leituras, cópias e edições impressas.

Outro desafio, no desenvolvimento da cópia manual com instrumentos digitais, é produzir elementos gráficos que não estejam restritos às convenções das edições impressas; portanto devem-se aproveitar os recursos oferecidos pelo meio digital para permitir novos tipos de interação acadêmica com o texto. O uso do meio digital deve acrescentar vantagens fundamentais no conhecimento paleográfico. Ao mesmo tempo, cópias manuais que apenas replicam elementos gráficos de um modelo em um ambiente digital são os primeiros passos necessários na incursão acadêmica da paleografia digital.

3 FERRAMENTAS DIGITAIS NA PALEOGRAFIA

Como exemplo de ferramentas digitais de cópia, optamos por um material eletrônico com que temos trabalhado desde o início de 2019 (cf. Ackel, 2019a; Ackel e Módolo, 2019b), que pode ser adquirido em páginas da *internet* e em casa de produtos desse segmento. Na decisão de quais ferramentas seriam mais adequadas, priorizamos os aparelhos que pudessem responder a comandos manuais com maior velocidade de

processamento, maior grau de precisão e níveis de detalhamento, como sensibilidade de pressão, capacidade de resolução, semelhança de resultados gráficos quando comparados com o modelo.

A paleografia digital atualmente se ocupa, em sua maioria, de estudos voltados para base de dados de manuscritos e informações correlacionadas, de acesso a *corpora* eletrônicos em plataformas digitais interativas, de extração automática de dados por meio de reconhecimento óptico de caracteres. Nossa proposta mostra-se específica⁸, na medida em que aliamos técnicas manuais de cópia a ferramentas digitais para leitura e cópia de manuscritos.

Dessa forma, o rigor teórico-metodológico que nos guiou para esta discussão foi o de manter critérios e termos de análises paleográficas já propostos por outros estudiosos (cf., por exemplo, Mallon, 1952; Bischoff, 1979; Petrucci, 1992). No estudo dos diferentes tipos de escrita e das evidências gráficas individuais, o paleógrafo usa determinados elementos de análise e uma série precisa de termos relacionados tanto ao processo de composição dos sinais gráficos, quanto à identificação de categorias de tipos de escrita. Acreditamos que tais elementos e termos podem ser utilizados pela paleografia digital para análises e descrições de variados tipos de escrita, de qualquer época e natureza.

FLP 22(2)

No que se refere a cópias manuais com instrumentos digitais, a paleografia digital, assim como os estudos tradicionais, permite analisar elementos baseados na composição de uma escrita, como forma, módulo, *ductus*, ângulo, peso e também definir categorizações gerais da escrita, por exemplo, se maiúscula ou minúscula, se cursiva ou monolítica etc. No entanto, a paleografia digital oferece meios facilitadores na aplicação da atividade de cópia. Destacam-se, por exemplo: o aumento de visualização do objeto, que permite observar detalhes como velocidade e peso; repetição contínua dos movimentos de composição do signo gráfico no mesmo suporte; reprodução da mesma cor da tinta observada no modelo.

Os resultados obtidos com a aplicação de variados métodos e com a utilização de ferramentas específicas mostram-se promissores com relação à facilitação de leitura paleográfica, à compreensão do processo de construção da escrita e às práticas de reconstrução de diversos tipos de escrita. Isso se dá, especialmente, pelo fato de plataformas digitais aumentarem as possibilidades de interpretação e correlação de dados, diferentemente de fac-símiles impressos que limitam algumas buscas de informação⁹.

⁸ O trabalho de escrita com pena e suporte digitais começou a ser desenvolvido com documentação do século XVII, escrita em português, a partir do segundo semestre de 2017. Desde então, temos testado diversos materiais, técnicas e métodos. No momento em que constatamos conformidade entre fundamentos teóricos da paleografia e pressupostos metodológicos das humanidades digitais, ensejamos a divulgação de nossa pesquisa, hoje, já consolidada em atividades práticas pertencentes ao exercício da paleografia digital. (V. Ciula; Marras, 2016; Ackel, 2019a; Ackel; Módolo, 2019b).

⁹ A ferramenta digital, por exemplo, permite visualização mais detalhada de uma letra específica por meio de aumento e isolamento de uma unidade gráfica. São possíveis também visualizações mais detalhadas do módulo da letra e separação de sobreposições. Um estudo paleográfico sem o uso de recursos digitais levaria a uma série de processos que implicam o uso de variados números de cópias com tamanhos e resoluções diferentes do documento. Essa necessidade de diferentes cópias está ausente no uso de ferramentas digitais, por exemplo. Isso contribui para que o paleógrafo se concentre

Os estudos paleográficos em plataforma digital de Elleström (2017), por exemplo, buscaram modelos de cruzamento de dados da linguagem e apontam para respostas que correlacionam imagem e texto, nas quais os traços sensoriais das palavras - escritos à mão - referem-se ao seu significado. Os estudos paleográficos de Sanchez et al. (2013), ainda, por meio de OCR (*Optical Character Recognition*), apresentam modelos de uma compilação de dados sociais a partir de documentos matrimoniais europeus desde o século IX.

Em termos técnicos, dentre as tantas opções disponíveis no mercado de eletrônicos, optou-se pela utilização de uma mesa digitalizadora da marca *Wacom*, modelo *CTL 4100*, e pelo programa computacional *SketchBook*, ambos compatíveis com as plataformas *Windows* e *Apple*. De modo geral, a pena digital desse modelo mostrou grande precisão nas respostas dos movimentos e precisão razoável nas respostas de pressão da pena sobre o suporte. Essas características importam, na medida em que se pode reproduzir com maior detalhamento a velocidade do traçado e o peso da escrita de um modelo.

A mesa digitalizadora pode ser descrita como uma tábua de plástico preto fosco, de aproximadamente 0,5 cm de espessura, com 150 pontos brancos impressos em sua superfície, distribuídos de forma igual, formando uma tela do tamanho 9,5 cm x 15 cm. Cada ponto da mesa e também o espaço entre eles corresponde a uma posição específica na tela do computador. Dessa maneira, qualquer que seja a altura e o tamanho da imagem com que se deseja trabalhar na tela, as medidas serão reproduzidas adequadamente ao tamanho da mesa.

FLP 22(2)



Fonte: www.wacom.com.

Figura 1 - Mesa digitalizadora Wacom, modelo CTL 4100.

Deve-se levar em conta que o emprego de execução de cópia proposto neste artigo busca preservar, na medida do possível, a semelhança do traço grafado no

de fato no documento e não em atividades anteriores de preparação que lhe permitissem melhor acesso ao documento.

modelo¹⁰. Assim, objetiva-se o intencional cuidado na manutenção de incongruências, de variações de padrões caligráficos e, até mesmo, uma proposta de reconstrução morfológica de fragmentos manuscritos quando o suporte não se preservou ao longo dos tempos. É certo que nesta última não se teria a preservação das escrituras, mas um gesto de caráter humanizado, atribuído à escrita digital, pois a inferência daquilo que foi escrito de atos de (re)escrita se vale do contexto temporal e espacial em que se circunscreve o copista (cf. Pasquali, 1994).

De posse do material de trabalho, abre-se o arquivo – a imagem digital a ser copiada – e localiza-se o fragmento com que se quer trabalhar. A primeira identificação a ser feita é quais instrumentos e tintas foram utilizados no documento digitalizado. Programas computacionais, como o citado anteriormente, oferecem grande variedade de efeitos de instrumentos; quer dizer, utilizando-se a mesma pena e suporte digitais, pode-se configurar para que o resultado do traçado assuma diferentes efeitos e cores. A figura 2 mostra dois exemplos de efeitos diferentes: à esquerda, os traços possuem efeito de uma caneta tinteiro. Observam-se partes finas e grossas no mesmo traçado. Essa diferença de espessura refere-se ao peso impresso com o instrumento sobre o suporte. Ao centro, observa-se um rabisco feito com a ferramenta de efeito de lápis, em que se nota uma parte mais clara e outra mais escura: a primeira refere-se a uma pressão mais leve do instrumento no suporte, e a segunda, a uma pressão mais pesada. À direita da imagem, apresentam-se algumas opções de instrumentos diferentes, inclusive uma borracha.



Fonte: Elaboração própria dos autores.

Figura 2 – Diferença de efeitos nos instrumentos digitais.

Uma vez identificado o tipo de instrumento utilizado no documento digitalizado, e configurado no computador, para que o efeito da pena digital chegue o mais próximo possível do modelo, procede-se, pois, com o ato da cópia. Nesse momento, o copista digital retraza a letra, buscando, com precisão, refazer o caminho percorrido pelo instrumento utilizado no modelo. Copiar um movimento escritural novo requer assimilação de padrões gráficos por etapas. A sucessão de movimentos que um autor realizou em seu manuscrito pode não ser familiar ao copista, de maneira que requer entendimento lógico e teórico sobre o tipo da escrita (a ordem dos traços, o contexto de produção etc.), prática e repetição. Ferramentas computacionais, como o comando ‘desfazer’, ou mesmo a borracha, facilitam exercícios de cópia que demandam séries de repetições de um mesmo movimento.

¹⁰ Entende-se o emprego de execução de cópia como um ideal, pois compreendemos que, mesmo utilizando-nos de recursos digitais, estamos diante de uma atividade de cópia, com todas as possíveis particularidades que tal atividade pressupõe.

A seguir, apresentamos alguns resultados obtidos com estudos que vêm sendo executados no âmbito da paleografia digital, com relação a cópias manuais sendo aplicadas em diversos tipos de escrita.

4 APLICAÇÃO DO MÉTODO E RESULTADOS

Os livros de horas eram normalmente elaborados em pergaminho e continham textos litúrgicos para cada hora do dia. À parte da bela decoração vegetal florida, chama atenção também a imagem, dentro da letra *I* capitular miniaturizada, de uma figura humana escrevendo em uma posição inclinada. Pela auréola sagrada ao redor de sua cabeça, entende-se que se trata de um assunto de tradição apostólica ou evangelista. No entanto, é pela alusão ao touro alado, ao pé da figura humana, que a imagem remete a São Lucas. E, de fato, ao procedermos com a leitura da rubrica, em vermelho, pode-se reconhecer: *Secundum lucam*.



Fonte: www.bne.es.

Figura 3 – Fólio 94r do *Livro das horas*, de Leonor de la Vega.

FLP 22(2)

Nossa proposta de transcrição¹¹ do fólio 94r do *Livro de horas* de Leonor de la Veja, ‘Figura 3’, acima, é a seguinte:

/¹ bis. Et vidimus gloriam eius /² gloriam quasi vnigeniti a *patre* /³ Plenum
gracie et veritatis . Deo /⁴ gracias . Secundum lucam . /⁵ IN illo tem /⁶ pore .
Missus /⁷ est angelus /⁸ gabriel a deo /⁹ in ciuitatē /¹⁰ galilee cui /¹¹ nomen na
/¹² zareth ad uirginem desponsa /¹³ tam viro cui nomen erat io /¹⁴ seph de
domo dauid et nomen /¹⁵ uirginis maria. Et ingressus /¹⁶ angelus ad eam dixit .
Aue gra /¹⁷ cia plena dominus tecum bene

As práticas paleográficas de leitura e escrita propostas neste estudo requerem inicialmente conhecimento sobre características do tipo de escrita com que se vai trabalhar. No exemplo da figura 3, reconhece-se imediatamente a letra gótica bibliotecária, pela proporção das letras muito bem desenvolvida, pela regularidade dos traços, angulosidade e quebra de *ductus*. No tocante à identificação de cada letra que compõe um determinado fragmento, a prática de cópia se faz grande colaboradora no processo de reconhecimento da letra.

A figura 4 apresenta um fragmento do manuscrito a partir do qual se exemplificará o processo de análise paleográfica com ferramentas digitais.

FLP 22(2)



Fonte: www.bne.es.

Figura 4 – Destaque de *Secundum lucam*.

Ao executarmos a cópia manual com os instrumentos digitais do fragmento acima, obtivemos as possibilidades de resultado para análise mostradas nas figuras 5 e 6.

Secundum lucam.

Figura 5 – Cópia de *Secundum lucam*¹².

¹¹ As regras de transcrição utilizadas para os textos deste artigo foram adaptadas da Comissão Internacional de Diplomática e podem ser acessadas em: <https://cidipl.org>. Aqui, estão simplificadas da seguinte forma:

1. O início da transcrição de um fragmento, começa com uma barra /, seguida da indicação sobrescrita do número da linha correspondente.
2. O princípio geral da transcrição dos textos editados é o respeito escrupuloso pelo original, mantendo-se, por isso, a ortografia, pontuação e o uso de letras minúsculas e maiúsculas, da maneira que se lê no documento.
3. Abreviações serão desenvolvidas com as partes suprimidas em itálico.

¹² Nas figuras de 5 a 9 não se indicam as fontes, pois apresentam o resultado da aplicação do método aqui exposto.

Na figura 5, nota-se inicialmente que a letra *S* pode ser mais facilmente identificada sem a sobreposição da cauda da letra na linha anterior, como observado na figura 4. No entanto, mesmo que de maneira mais nítida, o leitor pode apresentar dificuldade de leitura nesse fragmento, especialmente no reconhecimento de letras como *c*, *u* e *m*, na primeira palavra, e, ainda, *c* e *a*, na segunda palavra.

De forma ainda mais clara, é possível observar, na figura 6, abaixo, que cada letra foi copiada individualmente, o que permitiu separação entre elas. O objetivo com esse procedimento é mostrar exemplos que facilitam a leitura de um tipo de escrita e sinalizar a possibilidade de fixar-se na individualidade de cada movimento autoral. O instrumento escolhido para essa cópia foi o pincel específico na utilização da escrita gótica. O efeito obtido com esta ferramenta é bastante parecido com uma pena de metal.

Secundum lucam

Figura 6 – Cópia de *Secundum lucam*, com letras afastadas.

As duas principais dificuldades do texto lido são os nexos – o mesmo traço aproveitado por duas letras – e, como soem ser, as abreviaturas. Destacam-se, abaixo, tais recursos do alfabeto utilizado na composição do manuscrito. O uso dos alógrafos de *r* nas figuras 7 e 8, transcritas como *gloriam* e *gracias*, respectivamente nas linhas 1 e 4 do manuscrito.

glo r iam

Figura 7 – Cópia de *gloriam*, com *r* destacado.

g r acias

Figura 8 – Cópia de *gracias*, com *r* destacado.

Na figura 9, pode-se analisar o uso de uma abreviatura, por sobrescrição, em *us*, e os dois *s*, que mais se parecem com dois *C*, na palavra *Missus*, que significa ‘enviado’.

miſſus

Figura 9 – Cópia de *Missus*, com abreviatura por suspensão de *us*.

A partir dos procedimentos apresentados, observam-se alguns modos de manipulação de imagem possíveis de serem utilizados para compreensão mais aprofundada da composição de um signo gráfico. Uma vez realizada a cópia manual,

pode-se selecionar o objeto específico (por exemplo, uma letra ou uma abreviatura) e fixar-se em sua individualidade, isolando-o, aumentando-o, comparando-o com signos semelhantes.

Além disso, novas ferramentas digitais podem conduzir a práticas pedagógicas que levem a mudanças no processo de ensino-aprendizagem de estudos paleográficos e filológicos. Especialmente nos casos em que a observação de características materiais de um documento depende do contato direto com o manuscrito. Tais casos podem abranger, por exemplo, estágios de consolidação do conhecimento em que se podem destacar tarefas como: a) compreender processos de construção gráfica; b) definir formas de execução caligráfica na atividade de cópia; c) argumentar a respeito de movimentos autorais; d) discutir processos de construção textual a partir de autoria e época. Com a proposta de utilização de modernos recursos didáticos, coetâneos às novas gerações de estudantes, disciplinas nas áreas da paleografia e da filologia podem se beneficiar do atual em contato com o passado na formação de jovens pesquisadores. Para além de uma questão técnica de capacitar a instituição de ensino com equipamentos tecnológicos, trata-se, mais profundamente, de tornar o aluno um profissional crítico, reflexivo e competente para a leitura e estudo de manuscritos, por meio do domínio das novas tecnologias digitais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das características observadas no tipo de letra apresentado e, inferindo-se, portanto, sobre outras tantas possíveis descobertas a serem feitas, justificam-se a pertinência e a importância de se constituírem práticas acadêmicas que valorizem as competências de leitura e escrita paleográfica.

Trata-se de uma observação cuidadosa, especialmente nesta era digital, que velozmente propaga informações por meio do teclado. Porém, o ato da escrita de próprio punho não pode deixar de existir ao longo dos tempos, em detrimento de novas tecnologias. A brevidade do tempo dedicado a pesquisas acadêmicas em acervos virtuais bibliográficos parece estar se acelerando cada vez mais, diante da segurança de preservação de obras sempre disponíveis, nos *sites*, nas nuvens, para consulta, inclusive aquelas raras, que se julgavam perdidas.

Neste artigo propusemos apresentar brevemente perspectivas metodológicas no que tange à paleografia digital. Com a intenção de aprofundar o conhecimento sobre as características formais de tipos de escrita, esta proposta pode ser vista como uma nova forma de imersão nos espaços históricos, tanto públicos como privados, desde um *scriptorium* medieval – local de produção de livros na Idade Média – até a estante de livros de um consultório médico, do fim do século XX, por exemplo. Espaços e tempos diferentes, já que nos voltamos a tantos anos de história das escritas e de seus testemunhos.

REFERÊNCIAS

Ackel A. Estudo paleográfico de manuscrito do século XVII. *Revista todas as letras*. 2019a;21:1-23.

Ackel A, Módolo M. Seminário dos ratos: uma análise de contos pela crítica genética. *O eixo e a roda*. 2019b;27:247-263.

Bischoff B. Latin paleography: Antiquity and Middle Ages. Cambridge: Cambridge University Press; 1979.

Burrows M. The dead sea scrolls of St. Mark's monastery. Vol. I. New Haven: American School of Oriental Research; 1989.

Buzzetti D. Digital representation and the text model. *New Literary History*. 2002;33:61-78.

Cardona GR. Antropologia della scrittura. Torino: Loescher Editore; 1981.

Ciula A. Digital palaeography: what is digital about it? *Digital Scholarship in the Humanities*. 2017 Dec.;32(2):89-105. [citado 13 out. 2020]. Disponível em: http://academic.oup.com/dsh/article/32/suppl_2/ii89/4259068.

Ciula A, Marras C. Circling around texts and language: towards 'pragmatic modelling' in digital humanities. *Digital Humanities Quarterly*. 2016;10(3):1-13. [citado 13 out. 2020]. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/10/3/000258/000258.html>.

Juarez E, Navarro D. Espacios históricos para el estudio y practica de caligrafia y paleografia. Madrid: Departamento de documentación de la Universidad Carlos III de Madrid; 2017.

Mallon J. Paleographie romaine. In: *Scripturae monumenta et studia*. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija de Filologia; 1952. p. 221-225.

Mediavilla C. Caligrafía: del signo caligráfico a la pintura abstracta. Valencia: Campgráfico; 2005.

Millares Carlo A. Tratado de paleografía española. Madrid: Espasa Calpe; 1983.

Nicot J. Thresor de la langue francoyse. Paris: Chez David Douceur; 1606.

Nuñez Contreras L. Manual de Paleografía: fundamentos e historia de la escritura latina hasta el siglo VIII. Madrid: Cátedra; 1994.

Pasquali G. Pagine stravaganti di um filologo. Firenze: Le Lettere; 1994.

Petrucchi A. Breve storia della scrittura latina. Roma: Bagatto libri; 1992.

Román Blanco R. Estudos paleográficos. São Paulo: Laserprint; 1987.

Sanchez J, et al. The Esposalles Database: an ancient marriage license corpus for off-line recognition. *Pattern Recognition*. 2013;46(6):168-194. [citado 13 out. 2020]. Disponível em: <https://riunet.upv.es/bitstream/handle/10251/40254/PRLesposalles.pdf;jsessionid=9D7B64D273FF1DA050831E0A855E2FA7?sequence=2>.

FLP 22(2)